

A desimportância como lupa: um processo de criação insignificante

Unimportance as a magnifying glass: an insignificant creation process

Renata Froan¹

João Vilnei de Oliveira Filho²

Resumo

O presente artigo, de caráter ensaístico, é resultado do trabalho de conclusão da disciplina de Seminário de Pesquisa em Arte do mestrado em Artes da Universidade Federal do Ceará (PPGARTES/UFC) e apresenta o início do meu processo de pesquisa de mestrado. Tomando como lupa as noções de infraordinário, do escritor Georges Perec (2010), e de inutilidade poética, do poeta Manoel de Barros (1997), proponho-me a refletir sobre a insignificância, a desimportância em meus processos de criação com cadernos de artista, bem como a partir deles. Além disso, também busco pensar/acessar a desimportância enquanto um disparador poético, por meio do que chamo — provisoriamente — de Práticas Desimportantes. Por fim, traço possibilidades de trabalho a partir de tais práticas, sustentando as reticências desse caminhar que ainda se encontra em processo.

Palavras-chave: caderno de artista; desimportância; Georges Perec; Manoel de Barros; processo de criação.

Abstract

The present article, of an essayistic character, is the result of the conclusion work of the Seminário de Pesquisa em Arte of the master of Arts degree from Federal University of Ceará (PPGARTES/UFC) and presents the beginning of my research process of master's degree. Taking the notion of the infraordinary, by the poet Georges Perec (2010) and the poetic disutility, in Manoel de Barros (1997), I try to think about the insignificance, the unimportance within the creation process that I establish with the artist's notebooks. In addition, I also propose to think/access unimportance as a poetic trigger, through what - provisionally - I call Unimportant Practices. Finally, I trace possibilities of work from such practices, sustaining the reticence of this path that is still in process.

Keywords: artist sketchbook; creation process; Georges Perec; Manoel de Barros; unimportance.

1

Graduada em Comunicação Social – Jornalismo (2012) e Pós-graduada em Teoria Psicanalítica (2014) pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR).
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES/UFC) e graduanda em Licenciatura em Artes Visuais (IFCE). E-mail: renatafroan@gmail.com

2

Graduado em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal do Ceará (2007). Mestre em Criação Artística Contemporânea pela Universidade de Aveiro (2010) e doutor em Arte e Design pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (2017), com apoio por financiamento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia FCT/POPH/FSE. E-mail: joaovilnei@gmail.com.



A desimportância como lupa: um processo de criação insignificante

Renata Froan
João Vilnei de Oliveira Filho

1. No fim-começo começa

Há um trecho no livro *Galáxias*, de Haroldo Campos, que diz assim: “(...) o fim-começo começa e fina recomeça e refina se afina o fim no funil do comêço afunila o comêço no fuzil do fim no fim do fim recomeça o recomêço refina o refino do fim e onde fina começa e se apressa e regressa e retece” (CAMPOS, 2004, s/p.). Interesse-me por esse emaranhado de fim-começo do qual fala Campos. Interesse-me pela forma como, nesse livro, ele tece o tempo com a escrita: um tempo borrado, enodado, emaranhado. Nós de começo-fim, fim-começo recomeçados. Interesse-me porque me inquieta, me instiga e, principalmente, me faz refletir sobre o que me proponho neste artigo. Pretendo apresentar os ecos do meu trabalho artístico que têm se desdobrado enquanto pesquisa de mestrado.

Antes de seguir, gostaria de contextualizar brevemente sobre o que discuto em meu processo de pesquisa: desimportância e processo de criação. Proponho-me a pensar as insignificâncias, o banal, o cotidiano (PEREC, 2010) a partir de/em meus processos criativos, bem como acessar a desimportância (BARROS, 1997) enquanto disparadora de processos de criação, por meio do que – provisoriamente – chamo de Práticas Desimportantes. Como cheguei a esta delimitação? E o que se desdobra a partir daí? É sobre estas questões que conversarei neste artigo. Meu intuito é apresentar o traçar desse processo, sustentando as suas reticências.

2. Olhar e ver: o infraordinário e a desimportância

Até o instante em que escrevo este artigo, vejo-me procurar, exaustivamente, a ponta do fio do novelo desta pesquisa para conseguir enxergá-la, delimitá-la. Mas, a cada vez em que pensei achar a ponta que aponta o começo, eu perdi o fio. Então, como falar de algo sem passar por um começo, uma origem? – perguntei-me repetidamente. Quando releio o trecho do texto de Campos, que apresentei no início desta escrita, percebo que a questão não está em encontrar uma ponta. Eu nem precisava ir atrás de uma ponta. Suponho que o meu problema era, na verdade, uma questão de perspectiva. A minha questão era, ou melhor, é uma questão de olhar. De olhar e ver.



A desimportância como lupa: um processo de criação insignificante

Renata Froan
João Vilnei de Oliveira Filho

No poema *tem país na paisagem*, do livro *Câmera Lenta*, Marília Garcia começa assim: ““(…) é difícil olhar as coisas / diretamente’, penso./ são muito luminosas ou muito/ escuras” (GARCIA, 2017, p. 44) e termina com esta questão: ““(…) seria possível ver o que/ está no meio?” (GARCIA, 2017, p. 44). Com esses trechos da poeta, reflito: e se ao invés de procurar uma ponta-início, uma ponta-começo, eu mirasse na meada, no que se passa agora? E se eu me aproximasse dos nós, dos engodos, onde tudo borra, emenda e remenda, onde “o fim-começo começa e fina recomeça” (CAMPOS, 2004), será que assim conseguiria encontrar algum vestígio que pudesse ““(…) me dizer/ alguma coisa/ sobre estar aqui” (GARCIA, 2017, p. 43. grifo da autora). Será que conseguiria ver o encontro do que me fez escrever o projeto de mestrado e o que me faz querer seguir com a pesquisa?

Decidi então me aproximar, chegar muito perto dessas dúvidas, dessas interrogações. Deixe-me ser afetada por elas. Entranhei-me com elas. Cheguei tão perto ao ponto de ser tomada por uma enxurrada de comos: como começar? Como prosseguir? Como fazer? Como desfazer? – Ao ponto de quase ser devorada por eles. Quase. Pois em algum momento passei, também, a devorá-los, a me alimentar das dúvidas. Nesse processo, abri mão do caminho que apontava em meu projeto de mestrado, abri mão de alguns autores com os quais caminhava e aproximei-me de outros. Aproximação que me provocou e provoca vertigem – ou melhor – espanto. Mudei o título do trabalho – que era “Inventário das insignificâncias: uma investigação sobre processo criativo em cadernos de artista” – e assumi, provisoriamente, este que aqui apresento. Com isso, houve um giro, um movimento, uma rotação. E é nesse movimento, nesse fim-começo, que algo parece começar, que algo parece acontecer.

Sendo assim, retomo e reformulo, então, as questões que apontei anteriormente: o que me move nesta pesquisa? Para responder, volto à Marília Garcia, desta vez, com o trecho de um outro livro dela, *Parque das Ruínas*. Ela diz assim:

nosso dia-a-dia é feito de ações que não nomeamos:
pegar um livro virar a página digitar essas letras
balançar a cabeça
– seria possível nomear isso que acontece?
o extraordinário comove fica evidente:
guerra desastres morte
mas como ver o *infraordinário*? (GARCIA, 2018, p. 27)



A desimportância como lupa: um processo de criação insignificante

Renata Froan
João Vilnei de Oliveira Filho

Como ver o extraordinário? – essa pergunta me espanta. *Infraordinário*. Esse termo não é da Marília, é de outro poeta, o francês Georges Perec. Quando me encontrei pela primeira vez com essa palavra, fiquei dias, horas, semanas... ainda fico espantada, assombrada por esse conceito, método, modo de vida.

Infraordinário, pelas palavras do próprio Perec, é aquilo "(...) que acontece a cada dia e que sempre retorna, o banal, o cotidiano, o evidente, o comum, o ordinário, o extraordinário, o ruído de fundo, o habitual" (PEREC, 2010, p. 179). Com isso, o que Perec quer saber é, "(...) onde está nossa vida? Onde está nosso corpo? Onde está nosso espaço? Como falar dessas coisas comuns, ou melhor, como cercá-las, trazê-las para fora, arrancá-las da casca onde estão presas, como dar-lhes um sentido, uma língua" (PEREC, 2010, p. 179). Essas questões que Perec traz a partir da noção de extraordinário me espantam e é o espanto que me aponta: há um desejo que habita aí. Um desejo de pesquisa.

Um breve parêntese: quando apresentei, pela primeira vez, o resumo expandido da minha pesquisa para a turma de Seminário de Pesquisa em Artes, ainda pensava em trabalhar com a noção de extraordinário para propor a criação de um inventário – que chamava de inventário das insignificâncias – do meu processo de criação com cadernos de artista. Inventariar as insignificâncias presentes nesse processo. Esse era o objetivo da minha pesquisa até então. No entanto, durante essa apresentação, a professora Deisimer Gorczewski me apontou um autor que passou a ter, junto com Perec, uma repercussão profunda em meu caminhar: Manoel de Barros. Como pude me esquecer dele? Desimportância, desutilidade, o tal do apanhador de desperdícios (BARROS, 2003).

Em sua poesia, Manoel de Barros trabalha com o que ele chama, na primeira parte do *Livro Sobre Nada*, de desutilidade poética (BARROS, 1997). A poesia dele se guia pelas desimportâncias, pelo desaprender, pelo delírio da palavra, do verbo, pelo olhar peralta, criancieiro. Um olhar de espanto com o mundo, fazendo, com a poesia, infância da língua (BARROS, 2010). Como pontua Ricardo Alexandre Rodrigues, na dissertação *A Poética da Desutilidade: Um passeio pela poesia de Manoel de Barros*:



A desimportância como lupa: um processo de criação insignificante

Renata Froan
João Vilnei de Oliveira Filho

O silêncio, o vazio, o lixo, a terra, a água, a loucura, a infância, tudo que a sociedade não contempla revela dentro da poesia de Manoel de Barros grande fertilidade para inventar esse entre-lugar. Aí, o poeta dá voz à pedra, aos bichos, aos loucos e vadios para fazer nascer outras perspectivas a partir das quais se possa transver o mundo. (RODRIGUES, 2006, p. 48)

Atravessada pelo infraordinário de Perec, já mirando nas insignificâncias, ao encontrar, no percurso, Manoel de Barros, ao me aproximar e permitir ser afetada pela relevância de suas desimportâncias, um outro espanto, um outro assombro me arrebatou. A aproximação com Barros sacudiu minha pesquisa. Sacudiu ao ponto de me lançar no meio do emaranhamento do avesso. No avesso da pesquisa.

Nesse ponto, faço uma pequena digressão, pois ao falar desse sacudimento que o encontro com Manoel de Barros provocou, lembro-me de pronto do texto *Pensamento, corpo e devir*, de Suely Rolnik. Há um trecho em que ela se refere à Fernando Pessoa, ao seu *Livro dos Desassossegos*, para descrever o estado que uma marca produz no nosso corpo. Quando ela fala de marca, ela se refere a estados "(...) inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos vivendo. Cada um destes estados constitui uma diferença que instaura uma abertura para a criação de um novo corpo, o que significa que as marcas são sempre gênese de um devir." (ROLNIK, 1993, p. 246). Ela aborda essa noção de marca, para, em seguida, tratar sobre como pensa a escrita, como ela opera com a escrita. Rolnik escreve a partir das marcas, do modo como elas reverberam em seu corpo. Na pesquisa do mestrado, também, anseio operar por um caminho semelhante. São as marcas provocadas pelos encontros que escrevem.

Infraordinário e desimportância, a partir das repercussões, da reverberação dessas palavras em mim, pelo meu corpo, que consigo delimitar: resgatar o espanto com as desimportâncias, questionando onde está a vida é o que me move a elaborar este trabalho. Afinal foi, mais uma vez, o espanto que me fez escrever o projeto que submeti ao mestrado. O espanto com a própria vida.



A desimportância como lupa: um processo de criação insignificante

Renata Froan
João Vilnei de Oliveira Filho

3. Do espanto rabisco uma lupa

quando nos referimos espacialmente ao passado
dizemos que ele está situado atrás
e podemos apontar para trás indicando o que passou
o futuro ao contrário fica para frente:
o porvir é algo que nos leva adiante

existe uma língua de uma tribo andina [os aimarás]
na qual essa lógica se inverte:
o passado fica diante de nós à nossa frente:
afinal podemos ver o que já aconteceu

e o futuro ainda desconhecido
fica atrás às nossas costas
pois não o vemos (GARCIA, 2018, p. 49)

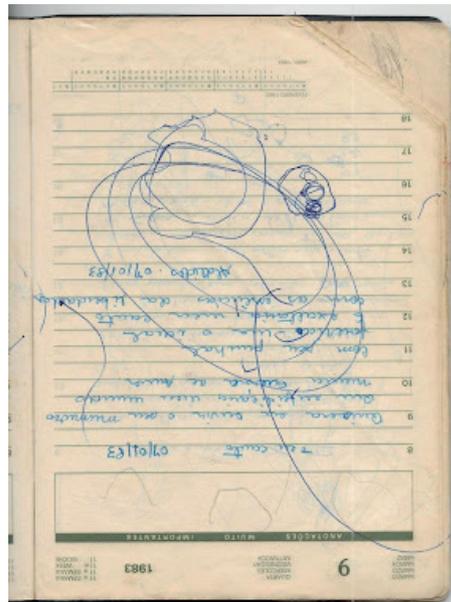


Fig. 1. Acervo pessoal. Agenda de 1983.

Quando digo que foi o espanto que me fez escrever o meu projeto de mestrado, estou, novamente, falando sobre ver a partir da perspectiva do encontro. Há cerca de um ano, reencontrei, junto aos montes de papéis no meu ateliê, uma antiga agenda, de 1983 (figura 1). Essa agenda pertence



A desimportância como lupa: um processo de criação insignificante

Renata Froan
João Vilnei de Oliveira Filho

à minha mãe e guarda poemas escritos por ela ainda jovem, aos seus 20 e poucos anos. Agenda que veio antes de mim, poemas alheios à minha existência. Um mundo inteiro que não conheci passeia ali, nas páginas amareladas e nas letras de caneta azul. E mais: essa agenda não me mostrou somente os vestígios dessa mulher que veio a ser minha mãe, essa agenda me mostrou um rasgo no tempo. Uma fenda de fios invisíveis, que sinto me puxando agora mesmo, levando-me de volta aos meus primeiros rabiscos. (Rabisco, peço que guarde, temporariamente, essa palavra).

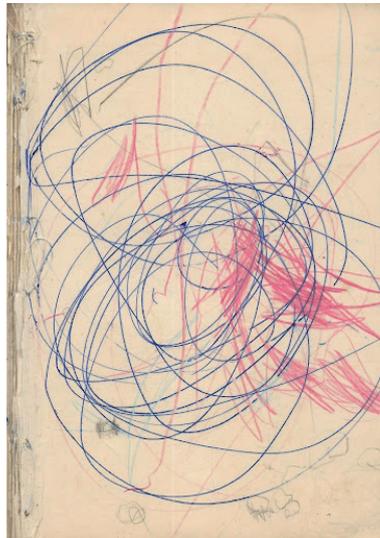


Fig. 2. Acervo pessoal. Agenda de 1983.

Sim, eles também estão nessa agenda-fenda, por entre as palavras de minha mãe, compondo junto aos poemas dela. Riscos, traços, formas incompreensíveis (figura 2). Garatujas. Um mundo inteiro que eu estava descobrindo – sei lá com quantos poucos anos – está nessa mesma agenda-rasgo-fenda. Escrevo isso e sou capaz de sentir os fios tremerem. Digo, os rabiscos. Sinto-os dançarem criando uma ressonância nessa trama que sou incapaz de discernir onde começa, onde termina – a meada de fim-começo. Em um só lugar o passado de minha mãe se confunde com o meu. Um mundo que nunca existiu para mim habitando o mundo que descobri e interferindo nesse em que agora sou/estou.

A desimportância como lupa: um processo de criação insignificante

Renata Froan
João Vilnei de Oliveira Filho



Fig. 3. Acervo pessoal. Caderno de Artista 2019 – 2020.

“(...) às vezes a leitura é um jogo de escala:/ é preciso se aproximar a ponto de perder o todo/ mas outras vezes é preciso se afastar muito” (GARCIA, 2018, p.32). Às vezes, é preciso distância, distância temporal, para que algo – que ainda não existia – possa ser visto. Para que algo possa aparecer. Ao olhar, com a percepção de hoje, a agenda de minha mãe, algo aconteceu. Algo pôde ser visto, quando nada parecia acontecer (PEREC, 2016). Vi, no passado, o *presente*. E só fui capaz de ver o presente no passado porque o tempo passou. Vi, nesse objeto, até então esquecido, banal, insignificante, formas que hoje repito em meus próprios cadernos de artista (figura 3), aqui, no presente – cotidianamente. Traço e palavra. Desenho e texto. Um sobrepondo o outro. Coreografias. Encontrei no ordinário um espanto: uma comunicação anacrônica entre a juventude da minha mãe, a minha infância e o meu presente, na vida adulta. Nesse encontro, nessa aparição mora um susto, um susto que me mobilizou a estar aqui, um susto com a própria vida. E só pude encontrar porque estou atravessada por uma repetição que se dá em meus processos de criação, que acontecem – não por acaso – no fazer à mão, no criar e acumular rabiscos nos cadernos de artista. E só pude me espantar, também, porque no momento em que revi a agenda, já estava inquietada pela percepção de extraordinário.

A desimportância como lupa: um processo de criação insignificante

Renata Froan
João Vilnei de Oliveira Filho

Por mencionar o extraordinário, lembro-me deste trecho de Perec:

Interrogar o que parece tão natural que esquecemos sua origem. Reencontrar alguma coisa do espanto que podia sentir Jules Verne ou seus leitores diante de um aparelho capaz de reproduzir e transportar os sons. Pois esse espanto existiu, assim como tantos outros, e são eles que nos modelaram. (PEREC, 2010, p. 179)

Pensando nisso, revisitando o meu percurso, começando e recomeçando, vendo e revendo os sustos que saltam desse processo é que consigo começar a rabiscar o que intento na pesquisa do mestrado. E, assim, começo a construir a minha lupa. O meu modo de ver. A minha perspectiva: quero fazer espantos. Neste momento, posso dizer que quero fazer espantos a partir de coisas desimportantes. A desimportância é a minha lupa. Por isso, digo: meu objetivo é pensar as desimportâncias dentro de meus processos criativos e também tomá-las como disparadoras de processos de criação.

No entanto, como trabalhar tendo como lupa o banal, o comum, o desútil, enfim, a desimportância dentro de um contexto acadêmico? Lugar que exige, frequentemente, de nós, pesquisadores, relevância? Significância? Respondo sem querer fechar a resposta: "cabe aqui porque descabe aqui" (CAMPOS, 2004, s/p). Meu intuito é caminhar a partir desse paradoxo, desse desconforto, dessa tensão.

4. Carregar água na peneira com cadernos de artista

(...)

A mãe reparou que o menino gostava mais do vazio do que do cheio.

Falava que os vazios são maiores e até infinitos.

Com o tempo aquele menino que era cismado e esquisito

Porque gostava de carregar água na peneira

Com o tempo descobriu que escrever seria o mesmo que carregar água na peneira.

No escrever o menino viu que era capaz de ser noviça,



A desimportância como lupa: um processo de criação insignificante

Renata Froan
João Vilnei de Oliveira Filho

monge ou mendigo ao mesmo tempo.
O menino aprendeu a usar as palavras.
Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.
E começou a fazer peraltagens.
Foi capaz de interromper o voo de um pássaro botando
ponto no final da frase.
Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.
O menino fazia prodígios.
Até fez uma pedra dar flor!
A mãe reparava o menino com ternura.
A mãe falou: Meu filho, você vai ser poeta.
Você vai carregar água na peneira a vida toda.
Você vai encher os vazios com as suas peraltagens.
(BARROS, 2010, p. 470)

Para fazer esse desaprendizado, preciso, enquanto pesquisadora, me aproximar de carregar água na peneira (BARROS, 2010). Ou melhor, entender como que eu vou carregar água na peneira. E o que seria carregar água na peneira? Acredito que seja uma disposição ao espanto com as desimportâncias e, com elas, fazer peraltagens. Suponho também que essa disposição passa por me manter poeta na pesquisa, mesmo que ainda precise me manter acadêmica. E como farei isso? Andarilhando por três áreas: escrita, desenho e processos de criação. E o caminho que costurarei entre elas passa pela presença dos cadernos de artista em meus processos de criação.

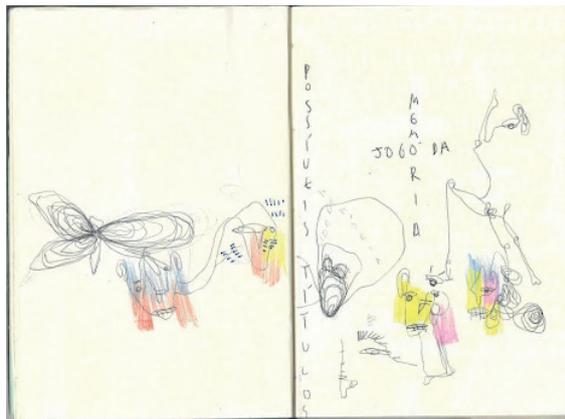


Fig. 4. Acervo pessoal. Caderno de artista 2019 – 2020.

A desimportância como lupa: um processo de criação insignificante

Renata Froan
João Vilnei de Oliveira Filho

Vejo os cadernos de artista como um desobjeto (BARROS, 2003) profundamente desimportante. Com eles faço coisas desúteis, peraltagens, como essas presentes na figura 4. Os cadernos são peneiras cheinhas de água. Não retém, proporcionam aberturas, fluxos. E é exatamente por isso que quero caminhar com eles. Explicarei melhor.

Para esmiuçar sobre o que se trata um desobjeto, trago duas citações do inventor dessa palavra, Manoel de Barros. A primeira é um trecho do poema *Uma didática da invenção*: “Desinventar objetos. O pente, por exemplo. Dar ao/ pente funções de não pentear. Até que ele fique à/ disposição de ser uma begônia. Ou uma gravanha.” (BARROS, 2016, s/p.).

A outra citação, do livro *Memórias Inventadas – A infância*,

O menino que era esquerdo viu no meio do quintal um pente.

O pente estava próximo de não ser mais um pente. Estaria mais perto de ser uma folha dentada. Dentada um tanto que já se havia incluído no chão que nem uma pedra um caramujo um sapo. Era alguma coisa nova o pente. (...) Acho que os bichos do lugar mijavam muito naquele desobjeto. O fato é que o pente perdera a sua personalidade. Estava encostado às raízes de uma árvore e não servia mais nem para pentear macaco. O menino que era esquerdo e tinha cacoete pra poeta, justamente ele enxergara o pente naquele estado terminal. (BARROS, 2003, s/p.)

Importante pontuar: interessa-me a aproximação da ideia de desobjeto apresentada pelo poeta, pois, “os desobjetos de Manoel de Barros são aqueles objetos que perdem sua função originária” (UZÊDA,). Penso que o caderno quando passa a ser de artista ele perde sua característica de caderno. O caderno de artista me parece estar mais próximo de não ser mais caderno, por isso entendo-o como um desobjeto. Ele está mais para uma fenda ou máquina do tempo, assim como a agenda de 1983, que perdera completamente a personalidade de agenda e se tornou coisa outra. Passou a pender mais para um caderno que faz fenda, fissura no tempo.

Por que digo que estes desobjetos fazem fendas no tempo? Por que eles não são apenas um suporte para registros. Inclusive, não gosto da ideia



A desimportância como lupa: um processo de criação insignificante

Renata Froan
João Vilnei de Oliveira Filho

que a palavra registro passa. Parece-me aprisionar a vida, enclausurar fluxos. Registro me remete uma noção de algo que se guarda e, ao ser guardado, se fixa. Prefiro a ideia de acúmulo. Acúmulo remete a uma abertura, porque indica encontro, um encontro que se prolifera – logo, passa-me uma noção de movimento, de passagem de tempo. E, se há movimento, passagem de tempo, há vida. (Acúmulo, peço que guarde, também, brevemente, essa palavra).

Sendo assim, quando um caderno passa a ser de artista, penso que perde a sua personalidade de caderno. Vira coisa outra. Uma zona fronteira em que processo e obra se emaranham a partir do gesto, de um gesto que gesta (TESLLER, 2011) um inacabamento. Uma zona fronteira na qual o que interessa, para além da sua utilidade enquanto espaço para anotação, mas a sua possibilidade para criação de experiência, criação de diálogo, de experimentação.

Se os cadernos, quando se tornam de artista, perdem a personalidade, qual a personalidade dos meus cadernos? São muitas. Meus cadernos poderiam se chamar: agenciadores de acúmulos ou acumuladores de rabisco. Por quê?

Uma pausa. Quero convidar você que está lendo a olhar, com a minha lupa, e ver comigo as duas palavras que pedi para guardar: acúmulo e rabisco.

5. Acumular rabiscos, rabiscar acúmulos: sobre as palavras-lupa

Ao longo deste caminhar, essas duas palavras têm saltado como palavras-lupa, ou seja, conceitos com os quais me guio na pesquisa do mestrado. Por isso, é preciso compreendê-las para podermos seguir. Começo pelo acúmulo. Numa busca rápida no dicionário, acúmulo é definido por:

Acumulação, amontoamento; sobrecarga: acúmulo de trabalho. Ação ou efeito de acumular ou acumular-se; acumulação: acúmulo de bens. Quantidade excessiva de alguma coisa ou de muitas pessoas que se aglomeram num mesmo local; aumento: acúmulo de capitais; acúmulo de jovens no encontro. (DICIONÁRIO ON-LINE DE PORTUGUÊS, 2022)



A desimportância como lupa: um processo de criação insignificante

Renata Froan
João Vilnei de Oliveira Filho

Pensar o acúmulo enquanto um efeito de amontoamento, de um aglomeramento em um mesmo espaço me interessa, aproxima-se do modo como intento compreender essa palavra-lupa, esse conceito. Porém, quero ampliar essa noção de acúmulo. Vou explicar: entendo o acúmulo – por essa perspectiva do amontoamento, da aglomeração – como o modo pelo qual me entranho com o desobjeto caderno de artista e é no modo como faço acúmulo com o caderno que, também, o sustento enquanto desobjeto. O meu caderno só passa a ser caderno de artista pela forma como produzo acúmulo nele. E como faço acúmulo? Aí chego nos rabiscos.

O que é o rabisco? Recorro novamente ao dicionário para articular esse conceito. Formalmente, rabisco é definido por “Risco tortuoso, e que nada representa, feito com pena, lápis etc.; garatuja, risco: página coberta de rabiscos. Esboço rápido de um desenho: rabisco de uma planta.” (DICIONÁRIO ON-LINE DE PORTUGUÊS, 2022). Essa ideia de um risco que nada representa, traz uma carga de irrelevância que muito me chama atenção no rabisco — algo que me interessa observar. Por nada representar, os rabiscos, me parecem poder ser qualquer coisa possível de ser riscada. Sendo assim, expando, ampliar como entendo essa palavra na minha pesquisa e defino que rabisco pode ser desde um risco a um desenho. Rabiscos são palavras que são desenhos ou desenhos puxados a palavras. Rabiscos são algo de um emaranhamento, uma palavradesenho.

Rabisco é o que traço nos cadernos de artista. Nas figuras 5 e 6 — principalmente na 5 — eles ficam mais evidentes no traço solto, tremido. Linhas que viram letras, letras que são quase garatujas. Evocando Cy Twombly (TW), a partir do texto *Cy Twombly ou Non Multa sed multum*, do livro *O óbvio e o obtuso* de Barthes, entendo que os rabiscos se aproximam do que TW entende por escritura, ou seja “(...) não é nem uma forma, nem um uso, mas apenas um gesto, o gesto que a produz, *deixando-a correr*: um rabisco, quase uma mancha, uma negligência” (BARTHES, 1990, p. 144, grifo do autor). Uma espécie de “disgrafia”, como pontua Barthes.



A desimportância como lupa: um processo de criação insignificante

Renata Froan
João Vilnei de Oliveira Filho

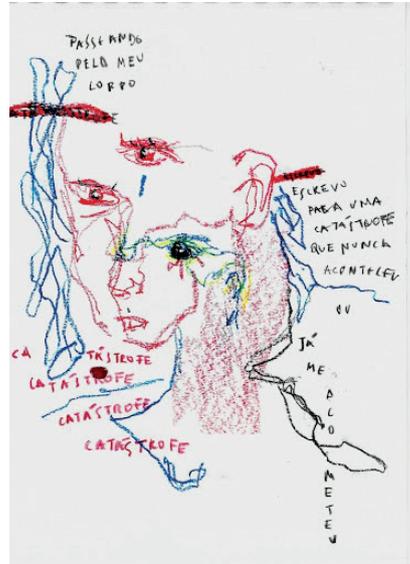


Fig. 5. Acervo pessoal. Caderno de artista 2021.



Fig. 6. Acervo pessoal. Caderno de artista 2020 - 2021.

Neste ponto, posso afirmar, então, que entendo o caderno de artista enquanto um desobjeto propenso aos acúmulos. E, com os acúmulos, o que produzo, a materialidade que lido é, na verdade, o tempo. O tempo do fazer à mão, do rabisco, do poema, do próprio processo. Por isso, reitero que o caderno de artista está menos para caderno e mais para máquina do tempo.

Uma observação: neste trabalho eu não pretendo estabelecer um conceito, universalizante, de caderno de artista. Por isso, considero importante enfatizar que, a noção de desobjeto propenso a acúmulos é o modo como, na pesquisa, vejo os cadernos de artista. Também não sei bem

A desimportância como lupa: um processo de criação insignificante

Renata Froan
João Vilnei de Oliveira Filho

se deixei claro, mas se não deixei, quero deixar: eu não pretendo fazer uma investigação sobre os cadernos de artista. Não me interessa responder/entender o que eles são, para o que servem, o que comem, onde habitam. Aqui, eu quero com eles seguir me entranhando pelo acúmulo e criando desimportâncias rabiscáveis no decorrer de um tempo do fazer a mão, prática tão desútil. Eu quero mesmo é fazer práticas desimportantes com os cadernos e, no momento em que estes se tornarem relevantes demais, me afastar deles. Afastar-me para abrir possibilidades de pensar e praticar a desimportância em outros aspectos do cotidiano.

6. A desimportância enquanto prática, a prática enquanto desimportância

Chego aqui a minha proposição para acessar o meu modo de carregar água na peneira, a minha própria desutilidade poética, enfim, o meu próprio modo de operar o extraordinário: práticas desimportantes. É com elas que pensarei as desimportâncias dentro de meus processos criativos e testarei a desimportância enquanto disparadora de processo de criação.

E no que consistem essas práticas? Tenho definido-as, temporariamente, em dois momentos. O primeiro deles me aproxima mais de Perec e o extraordinário. Consiste, portanto, no exercício dos inventários. Inventariar os meus cadernos de artista, inventariar a agenda de 1983 – uma tentativa de os esgotar mesmo sabendo se tratar de uma impossibilidade – Perec que me ajude! As imagens, presentes neste artigo, inclusive, já são recortes desse processo de inventariar, futricar cada página com essa lupa, incansável, imã para inutilidades.

Para o segundo momento de práticas desimportantes, que pretendo trabalhar mais perto de Manoel de Barros, consiste, por enquanto, em: desenhar poemas-susto, escrever desenhos-espanto. O que são poemas-susto e desenhos-espanto? É uma definição que mantenho em aberto, pois pretendo aprimorá-la com a prática. A medida em que desenvolvo o fazer. Contudo, vislumbro previamente que tais poemas e desenhos possam se tratar de desdobramentos de um espanto com o cotidiano. Com ações banais do dia-a-dia, como escovar os dentes.



A desimportância como lupa: um processo de criação insignificante

Renata Froan
João Vilnei de Oliveira Filho

Nesse segundo momento de práticas, almejo também rabiscar com mais gente. Pretendo fazer desimportância junto. Para isso, tenho pensado em produzir cadernos com outras pessoas. Convidei uma amiga, também artista, Marília Pedroza, para criar comigo um caderno viajante. A proposta é que nos comuniquemos por um caderno, ao invés do whatsapp, ou outras plataformas digitais. Explico: Marília está morando longe, em Portugal. Tenho enfrentado dificuldades em me comunicar pela internet com ela e, angustiada pelo esgotamento desse modo de comunicar, propus experimentar outros meios, bem como construir outros tempos com ela. O tempo da escrita à mão; o tempo da espera e do silêncio (do ir e vir do caderno); o tempo da nossa vida passar e as experiências guiarem a nossa comunicação, a nossa troca. Ou seja, fazer acúmulos.

Convidei também a Beatriz, outra amiga e artista. Beatriz mora aqui, em Fortaleza. A distância não é, necessariamente, uma questão na prática que proponho experimentar com ela. Com Beatriz, pretendo fazer caderno de artista junto. Partilhar, com ela, processo de criação no mesmo caderno.

E para findar o que ainda é infindável, porque é reticente, a outra prática que cogito é o disparate. Um disparate com perguntas ínfimas, desúteis, banais mesmo, para tudo ficar ainda mais inútil, como tem que ser. Como quero que seja. Afinal, isso tudo é, no fim das contas, uma tentativa de – assim como faz Manoel de Barros, peraltagem. Uma tentativa de ser criancinha na pesquisa – e, por que não, na vida? Acho bonito o susto que mora no olhar criancieiro, não presta para nada, assim como a poesia, esse inutensílio – será que estou ficando desaprendida? Não sei, mas vou me repetir, adoro repetir: quero tentar. Isso aqui é uma tentativa. Uma tentativa de olhar e ver, de ver e tentar resgatar o espanto com a banalidade que compõe a própria vida.

Não quero me precipitar a conclusões, principalmente nessa meada da pesquisa. Quero que elas não concluam, por isso, testo, ensaio com práticas desimportantes. E acabo por aqui, mas antes de acabar me despeço com *Poema*, do livro *Tratado Geral das Grandezas do Ínfimo*, do Manoel de Barros,

A poesia está guardada nas palavras – é tudo que eu sei

Meu fado é o de não saber quase tudo.

Sobre o nada eu tenho profundidades.



A desimportância como lupa: um processo de criação insignificante

Renata Froan
João Vilnei de Oliveira Filho

Não tenho conexões com a realidade.
Poderoso, para mim, não é aquele que descobre ouro.
Para mim, poderoso é aquele que descobre as insignificâncias (do mundo e as nossas).
Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil.
Fiquei emocionado.
Sou fraco para elogios. (BARROS, 2010, s/p.)

Referências bibliográficas

- BARROS, Manoel. Arranjos para assobio. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- _____. Livro sobre Nada. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- _____. Memórias Inventadas – a infância. São Paulo: Editora Planeta, 2003.
- _____. O livro das Ignoranças. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz, 2016.
- _____. Poesia Completa. São Paulo: Leya, 2010.
- _____. Tratado geral das grandezas do ínfimo. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- BARTHES, R. Cy Twombly ou Non Multa sed multum. In: *O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- CAMPOS, Haroldo. Galáxias. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2004.
- DICIONÁRIO ON-LINE DE PORTUGUÊS. Acúmulo, 2022. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/acumulo/>> Acesso em: 25 de out. 2022.
- _____. Rabisco, 2022. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/rabisco/>> Acesso em: 25 de out. 2022.
- GARCIA, Marília. Câmera lenta. São Paulo: Companhia das letras, 2017.
- _____. Parque das Ruínas. São Paulo: Luna Parque, 2018.



A desimportância como lupa: um processo de criação insignificante

Renata Froan
João Vilnei de Oliveira Filho

PEREC, Georges. Aproximações de quê? Tradução: Rodrigo Silva Ielpo. *Alea: Estudos Neolatinos*. 2010, v. 12, n. 1, 2010, p. 177–180. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-106X2010000100014>>. Acesso em: 25 de out. 2022.

_____. Tentativa de esgotamento de um local parisiense. Tradução: Ivo Barroso. São Paulo: Gustavo Gili, 2016.

RODRIGUES, Ricardo Alexandre. *A poética da inutilidade: um passeio pela poesia de Manoel de Barros*. 2006. 100 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Literatura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.posciencialit.letras.ufrj.br/images/Posciencialit/td/2006/18-ricardoalexandre_poesia.pdf>. Acesso em: 25 de out. 2022.

ROLNIK, S. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. *Cadernos de Subjetividade*, 1(2), 241–251. 2003. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/cadernossubjetividade/article/view/38134/25870>>. Acesso: 25 de out. 2022.

UZÊDA, A. L. M. Manoel de Barros e o último adeus de Bernardo. In: *Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea* - Rio de Janeiro : UFRJ, Faculdade de Letras, 2009 - Disponível em: <<https://carolina.vigna.com.br/wp-content/uploads/2017/12/1005-365-PB.pdf#page=35>>. Acesso: 25 de out. 2022

